

SERMÃO 37

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Nos dias iniciais do metodismo, uma das principais acusações levantadas contra ele foi a de *fanatismo*. Na boca da grande maioria dos adversários, a palavra simplesmente significa hostilidade à obra do grande avivamento religioso. Na verdade, dificilmente se encontraria entre os adversários de Wesley um que pudesse dar à palavra uma significação sensata. Era fanático, segundo se dizia, o que buscava um fim sem usar dos meios. Esta definição certamente que não se aplica aos metodistas, porque eles foram acusados ao mesmo tempo, e pelas mesmas pessoas, de usar de meios excessivos de salvação. Por esta causa eram estigmatizados como *legalistas* – pessoas que se esforçavam por restaurar a escravidão da lei das obras.

Por outro lado, encontramos os metodistas prevenindo seus adeptos contra a doutrina, segundo a qual “não se deve fazer o bem a não ser que o coração o peça”, Este ensino eles o chamaram de *doutrina entusiástica*. Em outras palavras, eles queriam dizer que não devemos fazer de nossos *sentimentos* o critério do *dever*. Contra os erros dos verdadeiros fanáticos Wesley foi obrigado a erguer a voz com energia e decisão. Algumas vezes ele se encontrou em dificuldade para determinar, em casos particulares, se as pessoas que pretendiam ter experimentada extraordinárias dispensações do Espírito Santo tinham-se enganado a si mesmas, ou pretendiam enganar aos outros. Era cauteloso tanto no aceitar como no repelir semelhantes experiências. Em muitos casos havia certa dose de verdade; na maior parte havia circunstâncias que permitiam dúvida e suspeita.

O leitor dos diários de Wesley deve ter sempre em mente a natureza essencial de um diário, ou registro diário dos pensamentos e opiniões pessoais. Essas opiniões são necessariamente *ex-parte*, dadas no primeiro momento e sem levar em conta o outro lado da questão. O registro de fatos de que o autor não tenha sido testemunha ocular, deve ser considerado aberto à revisão, ou a informação posterior, que pode mudar todo o aspecto da questão. É em seus amadurecidos ensaios e sermões que Wesley registra suas próprias opiniões; e somente é honesto julgá-la por eles. Neste sermão temos uma explanação clara, concisa e satisfatória do assunto – *fanatismo*. Pela própria natureza do caso, todo grande avivamento religioso dará lugar a perigos oriundos da mente excitável e de escasso equilíbrio da gente bem intencionada. Este reparo deve ser especialmente tomado em consideração quando se dá absorvente grau de apreço ao tema da santidade e da perfeição cristã. Pronunciam-se palavras e expressam-se sentimentos que, em momentos mais calmos, seriam desaprovados, e a causa da verdadeira santidade bíblica sofre grande dano, em consequência desses discursos imprudentes.

Nas maiores questões controvertidas, a verdade fica a meio caminho dos extremos. Confiar no cumprimento de uns poucos deveres exteriores, em obediência a ordenanças e na observância de sacramentos, é fanatismo real, porque é a expectativa de obter o fim da esperança e da vida cristã sem o uso dos meios prescritos no Evangelho. Por outro lado, a exaltação do sentimento, das disposições mentais, e a exigência de extravagantes e supremamente seguras expressões da experiência religiosa pessoal, pode-se tornar em laço e em pedra de tropeço a muitas pessoas, cujo temperamento natural seja avesso a essas exigências.

A prova da conduta diária e da conversação perante o mundo é o melhor guia, o mais digno de confiança para a prova do caráter da profissão cristã. Onde são abundantes os frutos do Espírito, aí há verdadeira liberdade e fiel evidência de uma vida piedosa. Devemos sempre estar alerta para que nos guardemos de desencorajar os discípulos fracos e tímidos. Eles podem ser desviados do caminho pela exigência que se lhes faça de empregar termos ou frases que expressem mais do que sua consciência justifique. Contra essa espécie de fanatismo exige-se que o ministro do Evangelho exerça perpétua vigilância; mas em períodos de excitação que o avivamento traz, maior será a necessidade de estar vigilante. A obra do Espírito de Deus opera em unísono com o temperamento da pessoa, e há muitas formas por que aquela obra se manifesta na vida da Igreja.

ESBOÇO DO SERMÃO 37

Esta acusação é levantada contra a religião do coração, não contra uma forma exterior decente; especialmente contra os que pregam o testemunho e a renovação do poder do Espírito Santo. O termo é de significação ambígua e usado algumas vezes em bom sentido, outras vezes em sentido inócuo, mas com maior frequência é usado em sentido depreciativo. Neste sentido é uma desordem da mente, não loucura, mas rancor, raciocinando sobre premissas falsas. Esta é a fobia religiosa.

Espécie de fanatismo.

1. Os que imaginam que têm a graça, quando a não têm. Conversões superficiais. Ardente zelo mundano erroneamente tomado como religião. Ritos exteriores falsamente tidos como religião.
 2. Os que imaginam que possuem dons que na verdade não possuem. O poder de operar milagres. Inspiração miraculosa na pregação e na oração, como se Deus ditasse as próprias palavras que eles falam. Direções particulares dadas por Deus em matéria delicada, por visões, impressões ou impulsos súbitos. Deus dá direções, mas pela sua Palavra, interpretada pela razão e pela experiência, sendo que o Espírito Santo nos dá mais clara iluminação e abre-nos a mente à convicção da verdade. Buscar conhecer a vontade de Deus por métodos antibíblicos irracionais, constitui quebra do terceiro mandamento.
 3. Esperar atingir os fins sem os meios, como esperar compreender a Palavra de Deus sem usar de estudos e de auxílios, Ou pretender falar em público de improviso.
 4. Alguns têm como fanatismo a crença em uma Providência particular. Disto temos, entretanto, garantia bíblica. A Providência de Deus é tanto geral como particular, e tanto particular como universal.
- Perigos do fanatismo. Ele gera orgulho e obstinada confiança de espírito, e desprezo pelos outros.

Acautele-se o homem do entusiasmo do fanático ardente e perseguidor, do iludido que se fantasia cristão por causa de obras exteriores, dos que imaginam possuir dons sobrenaturais e desprezam o uso dos meios.

SERMÃO 37

A NATUREZA, DO ENTUSIASMO

“E Festo disse com grande voz: estás fora de ti, Paulo.”

(Atos 26.24)

1. E ASSIM diz toda gente – dizem os homens que não conhecem a Deus, acerca de todos os que professam a religião de Paulo, acerca de cada um que o siga tão de perto quanto ele seguia a Cristo. É verdade que há uma espécie de religião, e, o que mais é, também chamada cristianismo, que pode ser praticada sem merecer semelhante imputação, que é geralmente tida como consistente com o senso comum, isto é, uma religião de forma – uma série de obrigações exteriores, cumpridas de maneira regular e decente. Podeis aduzir a isso a ortodoxia, um sistema de opiniões corretas, sim, e certa dose de moralidade pagã; e ainda não serão muitos os que digam que “a muita religião vos tirou o juízo”. Mas se ambicionais a religião do coração, se falais de “justiça, paz e gozo no Espírito Santo”, então não custará muito a ser pronunciada vossa sentença: “Estás fora de ti”.

2. E isto não é cortesia que os homens do mundo te fazem. Desta vez eles querem significar aquilo que dizem. Não somente afirmam, mas cordialmente acreditam que todo homem que diga que “o amor de Deus foi derramado em” seu “coração pelo Espírito Santo que lhe foi dado”; e que Deus o habilitou a regozijar-se em Cristo “com gozo indizível e cheio de glória”, está fora de si. Se alguém está verdadeiramente vivo para Deus e morto para todas as coisas cá de baixo; se continuamente vê o invisível e em consequência anda pela fé e não por visão, para os homens do mundo o caso é líquido e certo: fora de toda contestação, “a muita religião lhe tirou o juízo”.

3. É fácil observar que o que determina o conceito mundano de loucura é o profundo desprezo de todas as coisas temporais e a ardente procura das coisas eternas; a divina convicção das coisas que se não vêem; o regozijo no favor de Deus; o ditoso, santo amor de Deus e o testemunho de seu Espírito com nosso espírito, de sermos filhos de Deus; este é, em verdade, todo o espírito, vida e poder da religião de Jesus Cristo.

4. Eles concederão, todavia, que, a outros respeito, tal homem age e conversa como quem esteja em perfeito juízo. Em outros pontos é homem razoável: só nos assuntos de religião e que sua cabeça se transtorna. Reconhece-se, portanto, que a loucura que recai sobre o crente é de particular espécie, e, em consequência, os homens costumam designá-la pelo nome especial de – “entusiasmo”.

5. Esta palavra, que se usa com extraordinária freqüência, que dificilmente deixa de estar na boca de certos homens, é, todavia, mui raramente compreendida, inclusive por aqueles que mais a empregam. Não será, pois, desagradável aos homens sérios, a todos quantos desejem entender o que dizem ou ouvem dizer, que eu me proponha explicar a significação desse termo mostrando o que é entusiasmo. Daí poderá advir encorajamento àqueles a quem se aplica a palavra injustamente – e será possivelmente útil a alguns que com justiça a suportam; afinal, servirá a outros que poderiam encontrar-se em tal situação, se se não acautelassem contra isso.

6. No que respeita à palavra em si mesma, geralmente se admite ser ela de proveniência grega. Mas de onde a palavra grega *enousiasmov* é derivada, ninguém foi ainda capaz de mostrar. Alguns pretendem fazê-la derivar de *en qew em Deus*, porque todo entusiasmo tem relação com Deus. Mas isto é muito forçado, pouca semelhança havendo entre a palavra derivada e a que eles lutam por apresentar como primitiva. Outros fazem-na derivar de *en qusia, em sacrificio*, porque muitos dos entusiastas dos tempos antigos se agitavam de maneira mais violenta durante a celebração dos sacrifícios. Talvez seja uma palavra fictícia, inventada com base no rumor que alguns faziam quando estavam exaltados.

7. Não é improvável que a razão pela qual essa estranha palavra se preservou em tantas línguas fosse o fato de os homens não se mostrarem de melhor acordo no tocante à significação do que acerca de sua derivação. Adotam, pois, a palavra grega, porque não a entendem; não a traduzem em suas próprias línguas porque não sabem como traduzi-la, tendo sempre sido uma palavra de sentido esvoaçante e incerto, a que nenhuma significação precisa jamais se atribuiu.

8. Não é, pois, surpreendente, de modo nenhum, que tal palavra se tenha tomado, até este dia, em sentido tão variável: diferentes pessoas a entendem em sentidos diferentes e irreconciliáveis uns com os outros. Alguns a empregam em bom sentido, significando um divino impulso ou impressão, superior a todas as faculdades naturais e suspendendo, por algum tempo, parcial, ou totalmente, a razão e os sentidos. Nesta acepção da palavra, tanto os antigos profetas como os apóstolos foram entusiastas, tendo estado, por diversas vezes, tão cheios do Espírito e tão influenciados por Aquele que habitava em seu coração, que o exercício de sua própria razão, de seus sentidos e de todas as faculdades naturais, estando suspenso, era inteiramente dirigido pelo poder de Deus – e somente “falavam

conforme eram movidos pelo Espírito Santo”.

9. Outros tomam a palavra em sentido indiferente, não tendo nem significado moralmente bom, nem mau; assim, falam do entusiasmo dos poetas, particularmente de Homero e Virgílio. Um eminente escritor falecido leva tão longe o emprego da palavra em tal acepção, que afirma não existir homem algum proeminente em sua profissão, qualquer que ela seja, que não tenha em seu caráter uma tintura forte de entusiasmo. Por “entusiasmo” esses tais parece entenderem um vigor incomum de pensamento, um fervor especial de espírito, uma força e uma vivacidade que se não encontram nos homens vulgares; uma elevação de alma a coisas maiores e mais altas do que a fria razão poderia atingir.

10. Mas nenhum dos sentidos mencionados se adapta à acepção em que a palavra *entusiasmo* é mais usualmente entendida. A generalidade dos homens, se não se harmoniza em outros pontos, pelo menos concorda até aqui no tocante a ela: que seja alguma coisa de mau. E este é exatamente o sentir de todos os que chamam “entusiasmo” à religião do coração. Conseqüentemente, nas páginas que se seguem tomarei a palavra como denotando um mal, uma infelicidade, senão mesmo um erro.

11. Quanto à natureza do entusiasmo, este é indubitavelmente uma desordem mental – e desordem tal que geralmente inibe o exercício da razão. Algumas vezes ele até a coloca inteiramente de lado; não apenas obscurece, mas fecha os olhos do entendimento. Pode, pois, muito bem ser reputado como uma espécie de loucura; de loucura antes que de idiotice, visto que idiota é precisamente o que tira conclusões errôneas de premissas certas, enquanto que o louco tira conclusões certas, mas de premissas falsas. Assim procede o entusiasta. Acredita verdadeiras suas premissas e daí necessariamente tira suas conclusões. Mas nisto reside seu erro: suas premissas são falsas. Imagina ser o que não é: daí, partindo do erro, mais longe vai e mais se desvia do caminho.

12. Todo entusiasta é, portanto, propriamente louco. Sua loucura não é, todavia, loucura ordinária, mas loucura religiosa. Pelo qualificativo “religiosa” não quero significar seja ela parte da religião: justamente pelo contrário. A religião é o espírito da mente sadia e, em conseqüência, está em direta oposição à loucura de qualquer espécie. Mas quero dizer que ela tem a religião como seu objeto; gira em torno da religião. Assim, o entusiasta geralmente fala de religião, de Deus ou das coisas de Deus, mas fala de tal maneira que qualquer cristão razoável pode discernir a desordem que lhe vai na mente. O entusiasmo pode então ser definido, de modo geral, mais ou menos assim: uma loucura religiosa proveniente de qualquer imaginária e falsa influência ou inspiração de Deus, ou afinal partindo da imputação a Deus de alguma coisa que a Ele não se pode atribuir, ou esperando de Deus alguma coisa que dele não se deve esperar.

13. Há inumeráveis espécies de entusiasmo. As que são mais comuns, e por esta razão mais perigosas, tenciono agrupá-las sob uns poucos títulos, para que mais facilmente se possam entender e evitar. A primeira espécie de entusiasmo que mencionarei é a dos que imaginam que têm uma graça de que não dispõem. Assim, alguns imaginam que têm redenção através de Cristo e “o perdão dos pecados”, quando este não é o caso. Esses são, em geral, dos que “não têm raízes em si mesmos”, nem profundo arrependimento, nem convicção intensa. “No entanto receberam a palavra com alegria”, E, “porque não têm profundidade de terra”, nenhuma operação profunda em seu coração, assim a semente “imediatamente brota”. Há imediatamente uma mudança superficial que, unida a um lampejo de alegria, que se mistura ao orgulho de seu coração indomável e a seu desordenado amor próprio, facilmente os persuade de que já “provaram a boa Palavra de Deus e os poderes do mundo por vir”.

14. Este é propriamente um exemplo da primeira espécie de entusiasmo: é uma forma de loucura, partindo da fantasia de possuírem um dom que em verdade não possuem. Deste modo eles apenas enganam suas próprias almas. Com propriedade pode chamar-se a isso loucura; porque o raciocínio desses pobres homens seria correto, se Suas premissas fossem boas; como, porém, estas são meras criaturas de sua imaginação, tudo quanto sobre elas se construa virá a baixo. O fundamento de todos os seus sonhos é este: acreditam *ter fé* em Cristo. Se eles a possuíssem, seriam “reis e sacerdotes para Deus”; tomariam posse de “um reino que não pode ser abalado”; mas eles não a têm: em conseqüência, toda sua conduta subsequente é tão vazia de verdade e equilíbrio como a do louco vulgar que, julgando-se rei, fala e age nesse caráter.

15. Há muitos outros entusiastas dessa espécie. Tal é, por exemplo, o defensor ardente da religião, ou, melhor, das opiniões e fórmulas rituais que ele dignifica com aquele nome. Tal homem também vigorosamente imagina ser crente em Jesus; sim, que é um campeão da fé que foi uma vez entregue aos santos. Toda sua conduta é, portanto, calcada sobre aquela fantasia vã. Fazendo valer a suposição de que é justo, ele teria alguma atenuante meritória em sua defesa, enquanto que agora essa justiça é evidentemente produto de um cérebro conturbado, como também de um coração descompassado.

16. Os mais comuns de todos os entusiastas desse tipo são, entretanto, os que se imaginam cristãos, sem que o sejam. São abundantes, não só em todos os recantos de nosso país, mas na maior parte da terra habitada. Que não sejam cristãos, é claro e inegável, se dermos crédito aos Oráculos de Deus. Porque os cristãos são santos e eles são

ímpios; os cristãos amam a Deus: eles amam o mundo; os cristãos são humildes: eles são orgulhosos; os cristãos são serenos: eles são apaixonados; os cristãos têm a mente que havia em Cristo: eles estão à maior distância dessa condição. Conseqüentemente, eles tanto são cristãos como arcanjos. Ainda que imaginem sê-lo, e possam dar várias razões de o *ser*: porque foram *chamados assim* desde quando a memória alcança; foram *batizados* há muitos anos; abraçaram as *opiniões cristãs*, vulgarmente chamadas fé cristã ou católica; usam as *fórmulas cristãs de culto*, como fizeram seus pais antes deles; vivem o que se chama uma boa *vida cristã*, como de resto o fazem seus vizinhos. E quem poderá presumir ou pensar que esses homens não sejam cristãos? embora sem um grão de fé em Cristo, ou de real santidade interior; sem jamais *terem* provado o amor de Deus ou terem sido “feitos participantes do Espírito Santo”!

17. Ah! pobres enganadores de si mesmos! Cristãos vós não sois, mas sois entusiastas no mais elevado grau. Médicos, curai-vos a vós mesmos! Conheci, porém, em primeiro lugar, vossa doença: toda vossa doença é entusiasmo, adaptando-se por completo à fantasia de terdes recebido a graça de Deus que de fato não possuis. Em conseqüência desse grave engano, vós vos transtornais dia a dia, falando e agindo num caráter que não é de modo algum o vosso. Dai resulta aquela inconsistência palpável, manifesta, que se evidencia em toda a vossa conduta, que é uma desastrada mistura de real paganismo e cristianismo imaginário. Ainda assim, como tendes a vosso lado tão vasta maioria, sempre vos deixais levar pela mera força do número, concluindo “que sois os únicos homens na posse dos sentidos, sendo lunáticos todos os que não são como vós”. Isto não altera, todavia, a natureza das coisas. A vista de Deus e de seus santos anjos, sim, e de todos os filhos de Deus sobre a terra, todos vós sois alienados, simples entusiastas! Não sois? Não estais “andando numa sombra vã”, numa sombra de religião, numa sombra de felicidade? Não vos estais ainda “inquietando em vã”, com desgraças tão imaginárias como vossa religião ou vossa felicidade? Não vos fantasiáis grandes e bons, muito entendidos e muito sábios? Até quando? Talvez até que a morte vos reconduza a vossos sentidos, para eternamente lastimardes vossa loucura!

18. Uma segunda espécie de entusiasmo é a dos que imaginam possuir certos dons de Deus, que na verdade não possuem. Assim, alguns imaginaram-se dotados do poder de operar milagres, de curar os enfermos “por uma palavra ou por meio de toques, de restaurar a vista aos cegos e até mesmo de ressuscitar os mortos, estando ainda bem vivo em nossa lembrança um notório exemplo dessa espécie. Outros intentaram fazer profecias, prever as coisas futuras, e isto com a maior certeza e exatidão. Em geral o tempo, mesmo curto, convence esses entusiastas. Quando fatos incontestáveis se produzem em contrário às predições, a experiência realiza o que não pudera fazer a razão e reintegra-os em seu juízo.

19. A mesma classe pertencem os que, orando ou pregando, se julgam muito mais influenciados pelo Espírito de Deus do que, de fato, o estão. Reconheço, na verdade, que sem Ele nada podemos fazer, especialmente em nosso ministério público; que toda nossa pregação será profundamente vã, a não ser que ela seja secundada pelo seu poder; que todas as nossas orações são vãs, a não ser que o Espírito nos ajude em nossas deficiências. Sei que, se não fizermos nossa pregação e nossas súplicas pelo Espírito, tudo será trabalho perdido, visto que todo auxílio ministrado sobre a terra concede-o Aquele que opera tudo em todas as coisas. Isto não tem, todavia, referência ao caso em apreço. Embora exista uma influência real do Espírito de Deus, também existe uma influência imaginária; e muitas são os que tomam uma por outra. Muitos se supõem estar sob aquela real influência quando o não estão, quando tal influência está de fato muito longe deles. E vários outros supõem que se acham muito mais influenciados do que na realidade se acham. Temo que não estejam compreendidos neste número os que acreditam que Deus dite as próprias palavras que pronunciam, e que, em conseqüência, impossível se torna que digam qualquer coisa errada, seja no fundo, seja na forma. É bem sabido quantos entusiastas dessa espécie também têm surgido durante o século presente, alguns dos quais falam de maneira muito mais imperiosa do que S. Paulo ou qualquer dos apóstolos.

20. A mesma espécie de entusiasmo, embora em grau inferior, encontra-se freqüentemente em homens de caráter secular. Do mesmo modo podem imaginar-se influenciados ou dirigidos pelo Espírito, quando nada disso ocorre. Concordo em que, “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”; e que se nós mesmos pensamos, falamos ou agimos retamente, fazemo-lo pela assistência daquele bendito Espírito. Quantos há, porém, que imputam ao Espírito coisas, ou dele, esperam caibas, sem fundamento algum, seja de caráter bíblico, ou de caráter racional! Tais são os que imaginam que recebem, ou receberão *direções especiais* da parte de Deus, não só para a solução de questões de importância, mas em referência a casos de somenos, nas circunstâncias mais insignificantes da vida. Para tais emergências Deus nos concedeu como guia a própria razão, embora não se exclua nunca a secreta assistência de seu Espírito.

21. A essa espécie de entusiasmo estão especialmente sujeitos os que esperam ser dirigidos por Deus, seja nas coisas espirituais, ou na vida comum, de maneira justamente chamada *extraordinária*: quero dizer por visões ou sonhos, por fortes impressões ou súbitos impulsos experimentados pela mente. Não nego que Deus tenha, nos tempos antigos, manifestado sua vontade dessa maneira, ou que Ele possa fazê-lo ainda hoje: creio que Deus o fará em casos raríssimos. Quão freqüentemente os homens se enganam, todavia, neste ponto! Como se enganam por orgulho, por uma imaginação escaldante, atribuindo tais impulsos ou Impressões, sonhos ou visões, a Deus,

quando esses homens são totalmente indignos dele! Tudo isso é puro entusiasmo; tudo vazio de religião, como de verdade e de moderação.

22. Talvez alguns perguntem: “Não devemos, logo, inquirir qual seja a vontade de Deus em todas as coisas? E sua vontade não deve ser a regra de nossa prática?” Sem dúvida alguma, devemos. Como deve, porém, o cristão moderado fazer esse inquérito, conhecer qual seja a vontade de Deus? Não pela espera de sonhos sobrenaturais; não pela expectativa de que Deus a revele em visões; não por aguardar quaisquer *impressões particulares* ou súbitos impulsos da mente; não, mas consultando os Oráculos de Deus. “A lei e ao testemunho!” Este é o método geral de conhecer qual seja “a santa e aceitável vontade de Deus”.

23. “Como poderei, entretanto, saber qual seja a vontade de Deus em tais e tais casos particulares? A coisa proposta é, em si mesma, de natureza indiferente, e, assim, deixada sem solução nas Escrituras”. Respondo: as próprias Escrituras te fornecem uma regra geral aplicável a todos os casos particulares: “A vontade de Deus é nossa santificação.” É de sua vontade que sejamos interna e externamente santos, que sejamos bons e façamos o bem de toda espécie e no mais alto grau de que formos capazes. Pisamos, pois, terreno sólido. Isto é tão claro como a luz do sol. Para que possamos, portanto, saber qual seja a vontade de Deus em um caso particular, temos somente de aplicar aquela regra geral.

24. Suponha-se, por exemplo, que se apresentasse a um homem razoável a questão de casar: se, ou de entrar em um negócio novo; para conhecer qual seja a vontade de Deus, estando certo de que “a vontade de Deus no tocante a mim é que eu seja tão santo e faça tanto bem quanto estiver a meu alcance”, tal homem só tem a perguntar: “Em qual desses estados posso ser mais santo, ou posso fazer maior soma de bem?” Isso há de ser determinado, parte pela razão e parte pela experiência. A experiência lhe dirá que vantagens apresenta seu presente estado, quer para ser bom, quer para fazer o bem; e à razão cabe mostrar-lhe as vantagens certas ou prováveis que terá no estado proposto. Comparando esses dados, o homem julgará qual dos dois estados melhor conduz à sua maior bondade e à prática de mais copioso bem, e, na medida em que conheça isto, certo estará de ser tal a vontade de Deus.

25. Entretanto, supõe-se a assistência do Espírito de Deus durante todo o processo desse inquérito. Não é fácil dizer, em verdade, por que meios tal assistência se comunica. Ele pode trazer-nos à lembrança muitas circunstâncias; pode colocar outras em mais forte e mais clara luz; pode insensivelmente nos abrir a mente para receber a convicção e para fixá-la em nosso coração. E pela concorrência de muitas circunstâncias dessa espécie, em favor daquele que é aceitável à sua vista, Ele pode adicionar uma indizível paz de espírito, um amor em medida tão extraordinária, que nos não deixe possibilidade de duvidar de que, até aí, sua vontade se manifesta no tocante a nós.

26. Este é o claro, bíblico, racional processo de conhecer qual seja a vontade de Deus num caso particular. Mas, considerando quão raramente esse processo é seguido, e que uma onda de entusiasmo deve impelir os que tentam conhecer a vontade de Deus por meios antibíblicos irracionais, seria para desejar que a própria expressão fosse usada muito mais sobriamente. Usá-la, como fazem alguns, nas mais corriqueiras oportunidades, vem a ser manifesta transgressão do terceiro mandamento. É um meio grosseiro de tomar o nome de Deus em vão e revela grande irreverência para com Ele. Não seria, portanto, muito melhor usar de outras expressões que não estejam sujeitas a tais objeções? Por exemplo: em lugar de dizer, numa ocasião particular: “Desejo conhecer qual seja a vontade de Deus” – não seria melhor dizer: “Desejo saber o que melhor sirva ao meu adiantamento, o que me fará mais útil?” Este modo de falar é claro e irrepreensível: é colocar o assunto dentro da correta solução bíblica, e isso sem qualquer perigo de entusiasmo.

27. Uma terceira espécie muito comum de entusiasmo (se ele, porventura, não coincide com o precedente), é a dos que pensam atingir o fim sem usar dos meios, pelo imediato poder de Deus. Se, na verdade, esses meios fossem postos à margem, eles não incorreriam em censura. Deus pode, em casos dessa natureza, exercer imediatamente seu poder – e isto Ele faz algumas vezes. Mas os que, esperando alcançar determinado fim, têm à mão os meios e deles não usam, são legítimos entusiastas. Tais são os que esperam compreender as Escrituras sem as ler, sem meditar sobre elas, sem usar de todos os auxílios que estejam ao seu alcance e possam com probabilidade conduzir àquele fim. Tais são os que deliberadamente falam perante uma assembléia pública sem qualquer preparo prévio. Digo *deliberadamente*, porque podem ocorrer circunstâncias tais que, às vezes, o tornem inevitável. Mas os que desprezam os grandes meios de falar com proveito, são entusiastas.

28. Poder-se-ia esperar que eu fizesse menção daquilo que alguns têm apontado como uma quarta espécie de entusiasmo: o imaginar que certas coisas sejam devidas à providência de Deus, quando a ela não se devem. Hesito, porém. Não sei de coisas que os homens tenham e que se não devam à providência de Deus; dispondo, ou, pelo menos, governando, nada há com que a Providência não se relacione, seja direta, seja remotamente. Nada excetuo, a não ser o pecado; ainda assim, no pecado dos outros vejo a providência de Deus manifestando-se a mim. Não digo sua providência *geral*, porque isto eu considero como uma expressão sonora, mas vazia de sentido. E se uma providência *particular* houver, esta deverá estender-se a todas as pessoas e a todas as coisas. Assim nosso Senhor a entendia; do contrário não teria dito: “Até os vossos cabelos estão todos contados”; e “nem um pardal cai sobre a

terra sem” a vontade de “vosso Pai” que está nos céus. Se assim é, se Deus preside *universis tanquam singulis, et singulis tanquam universis*: “a todo o universo como a todo indivíduo, e a todo indivíduo como a todo universo”, que pode haver (exceto somente nossos próprios pecados), que se não deva atribuir à providência de Deus? Deste modo, não posso compreender como haja lugar; em semelhante pensamento, para a acusação de entusiasmo.

29. Se se disser: O motivo da acusação reside nisto: “Quando imputas *uma coisa* à providência, tu te imaginas privilegiado protegido do Céu”. Responderei: tu te esqueceste de algumas das últimas palavras que pronunciei: *Proesidet universis tanquam singulis*: “Sua providência está sobre todos os homens do universo, assim como sobre cada indivíduo”. Não vês que aquele que, crendo nisto, imputa qualquer coisa que lhe aconteça à providência, não se faz por isso mais favorito do Céu do que suponha sê-lo qualquer homem que haja debaixo do Céu? Assim, não tenhas a pretensão de o acusar, sob tal fundamento, de entusiasmo.

30. Contra qualquer espécie de entusiasmo cumpre que nos guardemos com a maior diligência, considerando Os efeitos letais que ele tão freqüentemente tem produzido e que, em verdade, dele decorrem mui naturalmente. Seu resultado imediato é o orgulho; o entusiasmo constantemente aumenta a fonte de que o orgulho deflui, por meio dele afastando-nos cada vez mais do favor de Deus e da vida divina. Estanca as próprias fontes da fé e do amor, da justiça e da verdadeira santidade, uma vez que tudo isto proceda da graça, mas “Deus reside aos soberbos e dá graça” somente “aos humildes”.

31. Associando-se à soberbia, erguer-se-á naturalmente um espírito irrefletido e obstinado, de modo que, qualquer que seja o erro ou a falta em que o entusiasta incorra, pouca esperança há de que seja restaurado. Porque a razão tem escasso valor (como se tem observado com freqüência e justeza), para o que se imagina conduzido por um guia mais alto – pela imediata sabedoria de Deus. À medida que ele cresce em orgulho, cresce também em irreflexão e em obstinação. Cada vez se faz menos susceptível de persuasão, cada vez mais apegado a seus próprios juízos e à sua própria vontade, até que se torne petrificado e inabalável.

32. Enrijando-se, deste modo, tanto contra a graça de Deus como contra o conselho e o auxílio do homem, o entusiasta se abandona totalmente aos ditames do próprio coração e do soberano dos filhos do orgulho. Não é para espantar, então, que ele diariamente se enraíze e se aprofunde no desprezo a toda a humanidade, na ira desabalada, em toda disposição maldosa em todas as tendências terrenas e diabólicas. Nem podemos maravilhar-nos em face dos terríveis resultados exteriores que em todos os tempos decorrem de tais disposições, ainda em todo o gênero de iniquidades, todas as obras das trevas praticadas por aqueles que a si mesmos se chamam cristãos, embora avidamente se entreguem a tais práticas, que mesmo entre os pagãos dificilmente seriam mencionadas.

Tal é a natureza, tais os efeitos mortais deste monstro de várias cabeças: o *entusiasmo*, de cuja análise podemos agora tirar algumas inferências óbvias, em relação à nossa própria conduta.

33. Primeiro, se entusiasmo é uma palavra que, embora tão freqüentemente usada, raramente é compreendida, toma cuidado no falar daquilo que não sabes o que é; não uses da palavra enquanto não a compreenderes. Como em todos os outros pontos, também neste, de modo igual, aprende a pensar antes de falares. Aprende primeiro a significação desta dura palavra e depois emprega-a, se a necessidade o exigir.

34. Mas, se tão poucos, mesmo entre os homens de educação e de cultura, e muito menos ainda entre os homens comuns, entendem esta palavra obscura e ambígua, ou têm algum conceito firmado acerca do que ela significa, então, em sendo lugar, guarda-te de julgar ou chamar alguém entusiasta, por uma simples informação. Isso não constitui deforma alguma suficiente base para que se aplique qualquer palavra de censura a homem algum, e muito menos um sólido suporte para vocábulo tão negro como esse. Quanto maior for a soma de mal que ele abrigar, mais cauteloso deves ser no aplicá-lo a quem quer que seja: levantar tão grave acusação sem prova cabal não é com patível nem com a justiça, nem com a misericórdia.

35. Se o entusiasmo é tão grande mal, guarda-te de seres por tua vez por ele arrastado. Vigia e ora, para que não caias em tentação. Esta facilmente rodeia aos que temem ou amam a Deus. Oh! Guarda-te de pensar de ti mesmo mais do que convém. Não imagines ter alcançado aquela graça de Deus a que não atingiste. Podes ter muito gozo; podes ter certa medida de amor - e não teres ainda viva fé. Clama a Deus para que não permita que, cego como és, te desvies do caminho; para que jamais te imagines crente em Cristo, até que Cristo se revele em ti, e até que seu Espírito testifique com teu espírito que és filho de Deus.

36. Guarda-te de seres um entusiasta ardente e perseguidor. Não penses que Deus te haja chamado (em contradição com o espírito daquele a quem chamas teu Mestre), para destruir a vida dos homens e não para salvá-las. À força nunca introduzas os homens nos caminhos do Senhor. Pensa e deixa pensar. Não uses de constrangimento em matéria de religião. Mesmo os que estejam mais longe do caminho, não os obrigues nunca a acertarem com ele por quaisquer outros meios que não sejam a razão, a verdade e o amor.

37. Guarda-te de imitar o rebanho vulgar dos entusiastas, fantasiando seres cristão, quando não és. Não te

presumas possuir esse nome venerável, a não ser que tenhas qualquer título bíblico à posse dele, a não ser que tenhas a mente que era em Cristo e andes como também Ele andou.

38. Guarda-te de cair na segunda espécie de entusiasmo – imaginando que possuis os dons de Deus que de fato não tens. Não confies em visões ou em sonhos; em impressões repentinas ou impulsos fortes de qualquer espécie. Lembra-te de que não é por esses meios que deves conhecer a vontade de Deus em ocasiões especiais, mas pela aplicação da regra nítida das Escrituras, com o auxílio da experiência e da razão e a assistência ordinária do Espírito de Deus. Não tomes levemente nos lábios o nome Deus: não fales da vontade de Deus em qualquer emergência trivial, mas sejam tuas palavras, assim como tuas ações, temperadas com reverência e temor piedoso.

39. Guarda-te, finalmente, de crer que obterás o fim sem usares dos meios que conduzam a ele. Deus pode dar o fim sem meio absolutamente nenhum; mas não tens razão de esperar que Ele o faça. Sendo assim, usa constante e cuidadosamente de todos os meios que Deus instituiu como canais ordinários de sua graça. Usa de todos os meios que a razão ou a Escritura recomende, como conducentes (através do espontâneo amor de Deus em Cristo), seja à obtenção ou ao aumento de qualquer dos dons de Deus. Espera, assim, por um diário crescimento naquela religião pura e santa que o mundo chama, e sempre chamará, “entusiasmo”, mas que, para todos os que são salvos do real entusiasmo, do cristianismo meramente nominal, é “a sabedoria de Deus e o poder de Deus”; é a gloriosa imagem do Altíssimo; é “justiça e paz”; é uma “fonte de águas vivas, jorrando para a vida eterna”!

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 37

- P. 1. (§ 1). Que dizem os homens dos que são da religião de Paulo?
- P. 2. (§ 2). Isto vem a ser uma cortesia, ou querem eles dizer o que dizem?
- P. 3. (§ 3). A que o mundo dá o nome de loucura?
- P. 4. (§ 4). Que concedem eles a outros respeitos?
- P. 5. (§ 5). Que se diz aí da palavra “entusiasmo”?
- P. 6. (§ 6). Que se diz da origem da palavra?
- P. 7. (§ 7). Por que motivo provável foi a palavra conservada? Pessoas, nos tempos presentes?
- P. 9. (§ 9). Qual é o sentido da palavra, quando aplicada aos poetas?
- P. 10. (§ 10). Qual é o sentido geral da palavra?
- P. 11. (§ 11). Qual é a natureza do entusiasmo?
- P. 12. (§ 12). Que é, pois, um entusiasta?
- P. 13. (§ 13). Quantas espécies há de entusiasmo?
- P. 14. (§ 14). Que se apresenta aí como exemplo?
- P. 15. (§ 15). A que classe de entusiastas pertencem os sectários?
- P. 16. (§ 16). Qual é a classe mais comum?
- P. 17. (§ 17). Como o pregador se dirige a eles?
- P. 18. (§ 18). Qual é a segunda espécie de entusiasmo?
- P. 19. (§ 19). Quem pertence também a essa classe?
- P. 20. (§ 20). Que outra classe aí se especifica?
- P. 21. (§ 21). A que espécie de entusiasmo estão eles expostos?
- P. 22. (§ 22). Que podem perguntar alguns?
- P. 23. (§ 23). Como se formula aí a pergunta, e como é respondida?
- P. 24. (§ 24). Como podemos determinar questões de dever?
- P. 25. (§ 25). Que se pressupõe naquelas direções?
- P. 26. (§ 26). Que erro aí se aponta?
- P. 27. (§ 27). Qual é a terceira espécie de entusiasmo?
- P. 28. (§ 28). Que se diz de uma quarta espécie?
- P. 29. (§ 29). Que acusação aí se menciona?
- P. 30. (§ 30). De que é necessário que se guarde?
- P. 31. (§ 31). Que surge em conexão com o orgulho?
- P. 32. (§ 32). Que mais se diz desse homem?
- P. 33. (§ 33). Que conselho se dá?
- P. 34. (§ 34). Por que devem os homens comuns guardar-se de pronunciar juízo?
- P. 35. (§ 35). Que exortação se faz aí?
- P. 36. (§ 36). Que se diz do entusiasta perseguidor?
- P. 37. (§ 37). Que recomendação temos aí?
- P. 38. (§ 38). Que se estabelece aí?
- P. 39. (§ 39). Como se conclui o Sermão?